



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

O espaço da comunicação na sociedade digital: por uma heterotopologia da tela¹

Renan Belmonte Mazzola²

Unesp - FCLAr

Resumo

O atual trabalho tem como objetivo analisar como é praticada a comunicação no interior do espaço da tela. Para tanto, utilizaremos como texto fundamental “Outros espaços”, de Michel Foucault, para analisarmos, no campo da Análise do Discurso, quais sentidos povoam determinados espaços sociais. As práticas comunicacionais, sejam elas efetuadas entre pessoas conectadas ou através de notícias veiculadas pela mídia, cada vez mais atingem seu público através do suporte do computador, como no jornal *online*, por exemplo. A tela, portanto, configura-se como uma nova tecnologia de comunicação e discurso.

Palavras-chave

Espaço; comunicação; tela.

Corpo do trabalho

1 Introdução

Nos diferentes espaços existentes em uma sociedade, um em particular vem ganhando prestígio: o ciberespaço. Com presença cada vez mais marcante, ele instaura sentidos e participa do imaginário partilhado pelos indivíduos de uma determinada cultura. A existência em seu interior implica virtualização, digitalização, meios pelos quais ter acesso a ele. Seu crescimento é diretamente proporcional à sua importância. Empresas, bancos e comércios utilizam-se dele como base sobre a qual efetuam, entre outras coisas, suas transações monetárias. As folhas de registros deixaram os desajeitados arquivos e se teletransportaram para os bancos de dados, salvos das intempéries do tempo e imunes a qualquer incêndio.

Esse espaço também absorveu a comunicação humana, ou, ao contrário, foi a comunicação humana que o escolheu e a ele deu preferência. Configurando-se como novo suporte de comunicação e discurso, envolve os objetos presentes em seu interior

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Graduando em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, *Campus* de Araraquara (FCL-Ar). Participante do GEADA (Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara). Projeto de Iniciação Científica financiado pela FAPESP, processo 06/51637-5, orientado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Valencise Gregolin. E-mail: renanbm@yahoo.com.



com a teia da conexão, das mutações (na concepção tempo-espaço) e, sobretudo, das inovações das práticas culturais.

O lugar de que falamos distingue-se dos outros lugares físicos, palpáveis, concretos. Configura-se como lugar de atualizações, conexões, nós; no interior do qual criam-se novas possibilidades, recriações e efeitos de sentido; enfim, representações. Um espaço complexo, como esse, parece, num primeiro momento, confundir-nos em relação ao local sobre o qual são traçadas suas práticas. Configura-se como um espaço que está presente em vários lugares e, ao mesmo tempo, em lugar algum. Tirada a tomada do equipamento que o suporta, ele desaparece aqui, mas existe alhures.

Esse trabalho insere-se no interior do campo da Análise do Discurso e toma como pressupostos teóricos para sua investigação a História, a memória, o imaginário, a formação discursiva e os demais dispositivos pertencentes ao campo do saber discursivo de linha francesa, derivado dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Nosso olhar analítico incide sobre as práticas de leitura, de comunicação, e de relações entre o corpo que lê / se comunica e o suporte através do qual a comunicação é de fato encerrada.

2 A heterotopia: entendendo os espaços

A partir do texto *Outros espaços*, versão escrita fruto de uma conferência proferida por Michel Foucault no *Cercle d'Études Architecturales*, em 14 de março de 1967, tentaremos esboçar algumas relações entre as concepções de espaço feitas pelo autor francês e outros espaços que se fazem presentes nessa sociedade do século XXI; entre eles, o ciberespaço.

Como bem afirma De Certeau (2000), a análise de uma sociedade depende de forma integral da situação criada ou existente em uma determinada conjuntura:

Também a consideração deste lugar, no qual se produz, é a única que permite ao saber historiográfico escapar da inconsciência de uma classe que se desconhecera a si própria, como classe, nas relações de produção e, que, por isso, desconhecera a sociedade onde está inserida. *A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade.* (CERTEAU, 2000, p. 77, grifo nosso).

Dessa forma, as práticas históricas estão sempre relacionadas ao local em que ocorrem e à conjuntura a que estão expostas ou pela qual são influenciadas. Os acontecimentos, indubitavelmente, estão enraizados em um *lugar*, e é para esse elemento que chamamos atenção no ato de escrever História, isto é, numa historiografia.



Ao unir discurso, História e memória, essa pesquisa parte da reflexão sobre determinados espaços criados e existentes no interior de uma sociedade para, posteriormente, poder travar relações entre esses lugares e o tripé supracitado.

No final da década de 60, Foucault já insinuava algumas considerações sobre o espaço como fator fundamental de nossa modernidade. Diz ele:

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2006, p. 411).

A simultaneidade de que fala Foucault nunca esteve tão evidente quanto está atualmente. Essa evidência foi causada, em sua maior parte, pelos novos meios de comunicação e novas tecnologias que têm a função de aproximar cada vez mais as pessoas, mesmo que seja de forma virtual: pela virtualização da voz, do corpo etc, como acontece em uma ligação telefônica ou em vídeo-conferências de uma empresa, em que os participantes encontram-se distantes, porém, juntos em um mesmo “espaço virtual”. Esse é o sentido da oposição entre *próximo* e *longínquo* a que se refere Foucault.

A noção de “rede que religa pontos”, presente também em Foucault sobre a situação social dos anos 60, não descreveria melhor as relações de navegação de que a Internet se utiliza. É o mesmo processo: blocos de informações (nós) que se unem a partir de conexões (redes). O padrão de práticas não-seqüenciais destacava-se e sobrepunha-se desde já em relação ao padrão linear subsistente, ou a “grande via que se desenvolveria através dos tempos” (FOUCAULT, 2006).

Assim como todas as outras coisas, o espaço também possui uma história. Os ambientes em que vivemos estão, em alguma medida, impregnados de imaginários que os constituíram da forma como os conhecemos hoje, portadores de sentidos. A história do espaço no Ocidente faz com que seja impossível “desconhecer este entrecruzamento fatal do tempo com o espaço.” (FOUCAULT, 2006, p. 412). Isso ocorre sobretudo no âmbito das comunicações, em que mais se notou essa separação. Dessa forma, emissor e receptor não necessitam estar ao mesmo tempo num mesmo espaço para efetuar o ato da comunicação. Graças à escrita, entre outras formas de linguagem, uma mensagem pode atingir seu receptor distante num momento posterior àquele em que foi escrita.



Para entendermos melhor os sentidos dos diferentes tipos de espaço, e de onde eles provêm, vamos seguir sua trajetória histórica, ao passo do itinerário proposto por Foucault ao revisitar os espaços existentes na Idade Média, sendo eles:

[...] um conjunto hierarquizado de lugares: lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos e lugares, pelo contrário, abertos e sem defesa, lugares urbanos e lugares rurais [...]. Toda essa hierarquia, essa oposição, esse entrecruzamento de lugares era o que se poderia chamar bem grosseiramente de espaço medieval: espaço de localização. (FOUCAULT, 2006, p. 412).

Essa forma de enxergar os espaços, assim como sua mutação ao longo da história, liga-se estritamente com a história dos sistemas de pensamento, já que uma é consequência da outra. O fato de cada coisa ter seu local específico demonstra o grau de pensamento de uma sociedade, ao mesmo tempo em que reconhece sua fragilidade, pois, mais tarde, Galileu redescobre o movimento de translação da Terra em relação ao sol, fazendo com que esse espaço de localização se torne extremamente relativo. “[...] De tal forma que o lugar da Idade Média se encontrava aí de uma certa maneira dissolvido, o lugar de uma coisa não era mais do que um ponto em seu movimento [...]. A partir do século XVII, a extensão toma o lugar da localização.” (FOUCAULT, 2006, p. 412).

Em nossas atuais relações sociais, os lugares não se definem mais por conter somente determinada prática; eles, enfim, se constituem pela aglomeração de outros lugares em seu interior. Como defende Foucault (2006), estamos em uma época em que o espaço é já uma relação de posicionamentos. A cozinha, antigamente, era o local da família se alimentar, e a sala-de-estar configurava-se como o local de receber visitas. Hoje, com a invasão da televisão no interior dos lares, é comum a prática de almoçar em frente à tevê, e receber visitas na cozinha, onde, geralmente, prepara-se um lanche e conversa-se entretimentos. O ato de almoçar na sala, portanto, traça relações com o espaço da cozinha.

Os sentidos do espaço estão presentes de forma latente no cerne de nossas relações e práticas. Isso se deve ao caráter sagrado constituinte dos espaços. Tempo e espaço, desde a Idade Média, foram sacralizados. Com o decorrer da história, o tempo foi se dessacralizando, mas o espaço (a não ser por Galileu) ainda carrega muito em si de sagrado:

E talvez a nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda



não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização. (FOUCAULT, 2006, p. 413).

Essa dicotomia de coisas tem origem, ou foi simultaneamente originada com o maniqueísmo da instituição religiosa (Igreja da Idade Média): algumas coisas são boas, se não, é porque são ruins. Da mesma forma, alguns lugares são bons, ortodoxos; outros, ruins, heterodoxos, como os bordéis. A oposição igreja x bordéu representa o contrário dos sentidos contidos em dois diferentes espaços. Isso está presente, também, no imaginário das coisas certas e erradas, lugares certos, lugares errados.

Para uma pesquisa que pretende, ao menos em seu início, analisar todos os tipos de espaços, não podemos deixar de citar rapidamente o espaço interno, que contém outros espaços, constituindo sua heterogeneidade: feita de sonhos, lembranças, felicidades, tristezas etc. Não só o espaço interno tem a qualidade de ser heterogêneo, mas também o espaço externo. Entretanto, mesmo que heterogêneos, alguns lugares possuem em seu interior certas práticas, que não costumam se alterar:

Seria possível descrever, pelo conjunto das relações que permitem defini-los, esses posicionamentos de parada provisória que são os cafés, os cinemas, as praias. Seria igualmente possível definir, por sua rede de relações, o posicionamento de repouso, fechado ou semifechado, que constituem a casa, o quarto, o leito etc. (FOUCAULT, 2006, p. 414).

Os lugares citados acima podem, de alguma forma, conter um limitado número de práticas, como cafés, ou a cama. Isto é, ninguém se diverte no trabalho nem dorme em público. Entretanto, a partir de agora, vamos nos concentrar em outra espécie de lugares, mais complexos, construídos e constituídos ao passo do desenvolvimento das sociedades, das novas técnicas, das novas práticas. Esses lugares, segundo Foucault (2006), são de dois tipos: as utopias e as heterotopias.

As utopias, segundo ele, são espaços fundamentalmente irrealis (por exemplo, outras formas de sociedade, ou espécies melhoradas dela, como o Comunismo), enquanto as heterotopias, mesmo que sejam irrealis, possuem uma localização geográfica na realidade. Seu exemplo maior é o espelho, que se configura como utopia, ao passo que reflete algo cuja representação seja irreal, mas é também uma heterotopia, porque tem uma existência real, e no seu interior encontra-se um outro espaço (o refletido), invertendo-o, contestando-o, enfim, colocando-o fora de todos os outros lugares. (FOUCAULT, 2006).

Assim, tentaremos realizar aqui o que foi proposto por Foucault na forma de uma heterotopia, ou seja, um estudo desses espaços-outros, por exemplo, o espaço da imagem formada no interior do espelho, o lugar de uma conversa telefônica, o lugar da tela do cinema, e, sobretudo, o espaço no interior de um ambiente virtual: o ciberespaço.

As heterotopias dividem-se em dois grupos: as de crise e as de desvio. As heterotopias de crise, segundo Foucault (2006, p. 416), são “[...] reservados aos indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem, em estado de crise. Os adolescentes, as mulheres na época da menstruação, [...] os velhos etc.” Essas heterotopias de crise partem, em sua maioria, do início da adolescência de rapazes e moças. Para os rapazes, as primeiras manifestações de sua sexualidade deveriam ocorrer, nas sociedades primitivas, no período em que se encontrava no serviço militar. Para as garotas, era necessário que elas estivessem no interior de um colégio interno. Portanto, concluímos que essa fase do desenvolvimento dos adolescentes deveria ocorrer algures que não fosse sua própria casa, na qual se encontrava a instituição familiar. Essa prática traz consigo a forte influência da Igreja, pois remete ao que é ortodoxo e censura o que é pecaminoso.

A defloração da moça não poderia ocorrer em “nenhum lugar” e, naquele momento, o trem, o hotel da viagem de núpcias eram bem esse lugar de nenhum lugar, essa heterotopia sem referências geográficas. (FOUCAULT, 2006, p. 416).

Quando as jovens se casavam, fazia-se necessária a viagem de lua-de-mel. Como isso implica prática sexual, mais uma vez devia acontecer em outros lugares e não no interior do espaço familiar. Para tanto, uma viagem era marcada e a consumação do casamento ocorria em “nenhures”, ou seja, num lugar “sem lugar”.

Alcançando as heterotopias de *crise*, há aquelas de *desvio*. Hospitais psiquiátricos e casas de repouso, assim como a prisão, representam-nas, porque abrigam indivíduos cujos comportamentos são tidos pelos padrões sociais como desvios. Com o decorrer da história, as sociedades podem atribuir às heterotopias funções outras, diferentes daquelas que possuíam desde sua origem, bem lembra Foucault (2006).

Um de seus melhores exemplos para exemplificar os outros sentidos atribuídos às heterotopias é o cemitério. Antes, localizado no centro da cidade; agora, encontrado em outros lugares, como nas margens dela.

[...] Foi somente a partir do século XIX que se começou a colocar o cemitérios no limite exterior das cidades. Correlativamente a essa individualização da morte e à apropriação burguesa do cemitério nasceu uma obsessão da morte como “doença” [...]. Esse grande tema da doença disseminada pelo contágio dos cemitérios persistiu no fim do século XVIII; e foi simplesmente ao longo do século XIX que se começou a processar a remoção dos cemitérios para a periferia. Os cemitérios constituem, então, não mais o vento sagrado e imortal da cidade, mas a “outra cidade”, onde cada família possui sua morada sombria. (FOUCAULT, 2006, p. 417-418).

É necessário ressaltar a prática do deslocamento das pessoas. Dependendo de suas ações ou atitudes, cabe ao indivíduo ser levado ou ir a determinados lugares, não sendo permitido continuar no lugar onde está. Por exemplo: um indivíduo que possua uma conduta que não se enquadre nas regras sociais (como assassinar), deve ser deslocado até o espaço da prisão. Se está estressado em seu ambiente de trabalho, vai até o café. Se, num acidente, corta seu braço, deve ser deslocado até o espaço do hospital etc. Portanto, caso morra, deve ser levado ao cemitério, local configurado pelo discurso da Igreja, porém, apresentando algumas transformações ao longo da História, como é o caso de sua localização no centro das cidades e, posteriormente, seu deslocamento até os subúrbios.

Todas essas heterotopias são ligadas a um determinado período de tempo, um recorte sincrônico da história. Por um outro lado, há heterotopias que mantêm dentro de si diferentes períodos de tempo, que se acumulam e ganham volume, isto é, heterocronias no interior de uma heterotopia:

Há, inicialmente, as heterotopias do tempo que se acumula infinitamente, por exemplo, os museus, as bibliotecas; museus e bibliotecas são heterotopias nas quais o tempo não cessa de se acumular e de se encarapitar no cume de si mesmo, enquanto no século XVII, até o fim do século XVIII ainda, os museus e as bibliotecas eram a expressão de uma escolha individual. Em compensação, a idéia de tudo acumular, a idéia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a idéia de construir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo, e inacessível à sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria, pois bem, tudo isso pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias à cultura ocidental do século XIX. (FOUCAULT, 2006, p. 419).

As bibliotecas e os museus ilustram o sonho do Homem em reunir em um só lugar todas as memórias e saberes acumulados. Como já afirmava Chartier (1999), o sonho de uma biblioteca reunindo todos os livros jamais escritos atravessa a história da civilização ocidental.

Em 1785, Etienne-Louis Boullée propõe um plano para a reconstrução da Biblioteca do Rei. Nesse momento emergiam as luzes na França e os iluministas faziam apologia do saber e do conhecimento. Sábios como Diderot, Motesquieu, Rousseau, D’Alembert, Voltaire, entre outros, dedicaram-se à tarefa de reunir em uma só obra todo o conhecimento humano: era a *Enciclopédia*, símbolo da crença no poder transformador da ciência. Enquanto Diderot e os outros planejavam compactar todos os saberes e conhecimentos em um único livro, Boullée mostrou-se mais prático: resolveu reunir tudo isso em um mesmo lugar, a Biblioteca do Rei.

Há diferentes práticas para que se possa entrar em lugares. Há lugares fechados, abertos, mistos. Por exemplo, para que se possa comungar, na igreja, é necessário que o indivíduo tenha feito anteriormente o rito de primeira comunhão.

Depois desse estudo pertencente ao nível de organização dos espaços terrestres e suas engrenagens, tentaremos, com o olhar voltado ao ciberespaço, determinar quais práticas configuraram-se como consequência do contato freqüente com o computador, ou quais delas foram possibilitadas por esse novo instrumento, por exemplo: a existência de vários espaços dentro do ciberespaço; a relação das crianças com o mundo virtual, o que buscam elas nesse lugar e o que ele lhes permite.

3 O ciberespaço e as sociedades de controle: crianças

O ciberespaço é responsável por mudanças nas práticas de acesso ao conhecimento e suas relações de aprendizagem pertencentes a uma “sociedade disciplinar”, que permanecia estável desde o século XVIII. Atualmente, ele é um reflexo da “sociedade de controle”, descrita por Foucault. Para entendermos melhor a transição pela qual passaram as sociedades, vamos nos deter na descrição de seus dois tipos:

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família [...], depois a escola [...], depois a caserna [...], depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. (DELEUZE, 1992, P. 219, grifo do autor).

Como sabemos, as sociedades disciplinares dispunham de espaços determinados para determinadas práticas, por exemplo, a escola era o único lugar para se aprender; a igreja, o único lugar para conversar com Deus. Por isso, o processo de formação e de aprendizado de uma criança, segundo Capparelli (2002, p. 132), vinha “acontecendo em



dois ambientes, ambos sob o controle dos pais: a própria família e a escola, essa última quase uma extensão da primeira”. Assim, a instituição familiar, circunscrita ao espaço da casa da família, era a responsável por transmitir os primeiros aprendizados a uma criança, e, depois, a escola era a encarregada desse papel. Os pais e os professores eram os agentes responsáveis pelo controle do conhecimento a que essa criança teria acesso.

Com o desenrolar da história, emergiu a sociedade do controle: “numa sociedade do controle, a empresa substitui a fábrica.” (DELEUZE, 1992, p. 221). Com isso, os sentidos de alguns espaços foram alterados. O trabalhador, que antes era circunscrito ao seu espaço de trabalho (fábrica) com seu salário definido, tem a possibilidade, na empresa, de brigar por maiores salários, maior poder, maior *status*, que essa estrutura social lhe permite. O aprendizado, portanto, deixa o espaço e o tempo da escola e se estende para a vida inteira, pelo fato de apresentar-se como um meio de ascensão social.

Nas sociedades disciplinares os pais, e depois e os professores, eram tidos como as maiores autoridades sobre uma criança e, no imaginário da época, eles *sempre* sabiam mais do que ela. Nas sociedades de controle, no entanto, “a importância da família e da escola como mediadoras do conhecimento foi diminuindo com o aparecimento dos meios massivos de Comunicação” (CAPPARELLI, 2002, p. 133). Primeiro a tevê, depois a Internet, possibilitaram o acesso a um amplo leque de informações absorvidos pela criança, alterando práticas culturais, participando, cada vez mais, do processo de constituição de sua subjetividade.

Portanto, o ciberespaço consolida-se, para a criança, como um outro território de acesso aos saberes e à informação de todos os tipos. Entretanto, como as demais heterotopias, também possui suas próprias regras de ser e seus mecanismos de controle, como, por exemplo, saber usar o suporte do computador, limite de tempo imposto pelos pais, limites financeiros no preço da conta de telefone etc.

Os integrantes de uma comunidade virtual na Internet buscam resgatar as afetividades perdidas em decorrência da separação dos corpos no momento da comunicação. Nas sociedades primitivas, em que a comunicação se dava num mesmo tempo e espaço, isto é, duas pessoas cara-a-cara, havia uma maior sensibilidade às entonações da voz e à linguagem corporal percebidas no momento da fala. Com o desenvolvimento de outras formas de comunicação, como o desenho, a escrita, o telefone, o telégrafo, a imprensa etc, as pessoas passaram a se comunicar cada vez mais de forma lógica, separadas, atingindo seu ápice com a Internet, em que cada indivíduo se encontra sozinho com seu computador. Através desses meios, o homem foi perdendo a



sensibilidade à voz. Por isso, é comum nos *e-mails*, *chats*, entre outros dispositivos de comunicação, o uso de certas palavras, por exemplo, “beijo”, “abraço”, no momento em que a conversa se encerra, “FaLaR AxIm” para imitar uma conversa com criança ou entre namorados; ou outros dispositivos, como os *emoticons*, ou ícones animados que, por causa tecnologia, tem a capacidade de imitar algumas emoções e sentimentos humanos.

Não é só afetividade que os usuários da rede buscam. As crianças-internautas, principalmente, buscam a retomada, ou representação, de alguns espaços perdidos. Com o crescimento das cidades grandes, as crianças de classe média ou alta não costumam mais frequentar determinados espaços que antes era comum frequentar, por exemplo, a praça pública ou mesmo as redondezas de seu bairro. Os pais dessas crianças, conscientes da violência presente nesses determinados espaços sociais, não permitem que seus filhos frequentem esses espaços, fazendo com que elas encontrem na rede o que perderam na rua.

Percebe-se aqui um movimento inverso. Em vez da criança se retirar dos espaços públicos devido à violência, às dificuldades de transportes nas grandes cidades ou aos perigos que cada família enxerga além da porta de casa ou dos portões do condomínio residencial, agora essa criança de dentro de casa participa do espaço exterior à esfera doméstica. (CAPPARELLI, 2002, p. 137).

Isso faz com que o ciberespaço contradiga, inverta esses outros espaços. No interior de uma casa, ambiente da instituição familiar, ele espelha lugares exteriores a ela, lugares que contradizem esse espaço fechado através de espaços abertos, compartilhados, sociais. A criança enxerga na Internet uma janela para o exterior dessas paredes seguras.

Referências bibliográficas

- CAPPARELLI, Sérgio. Infância digital e cibercultura. In: PRADO, José Luiz Aida (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**: da sociedade de massa à cibercultura. São Paulo: Hacker Editores, 2002. p. 130-146.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Unb, 1999.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.



FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault** Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 411-422. (Ditos & Escritos, v III).